

LIRA NETO. *O inimigo do rei: uma biografia de José de Alencar ou A mirabolante aventura de um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil*. São Paulo: Globo, 2006. 431 p.



Entre o público e o privado, o biógrafo e o biografado, a História e a ficção

1 – UM BIÓGRAFO É UM DIABO – Jornalista e escritor. 43 anos. Vencedor do Prêmio Jabuti, em 2007, na categoria biografia. Autor, entre outros livros, de *Maysa: Só numa multidão de amores* (2007), *O inimigo do rei: uma biografia de José de Alencar* (2006) e *Castello: a marcha para a ditadura* (2004). Esse é o retrato falado de Lira Neto, postado em seu *blog*, na Internet. O site é alimentado com frequência pelo autor. Em uma de suas postagens, do dia 01 de novembro de 2007, às 8 horas e 24 minutos, ele comenta que soube nos bastidores do prêmio Jabuti, que a editora Globo vai publicar a autobiografia da atriz de telenovelas brasileiras Vera Fischer. Lira Neto diz que ficou “babando” de curiosidade e “saudável inveja”. Vera, para ele, é um dos “muito poucos” personagens vivos de quem “teria a imensa vontade – e o atrevimento – de escrever um livro a respeito. A beldade tem mesmo uma história e tanto para nos contar. E, suprema maravilha, nunca foi santa. Do jeito que o diabo – e todo biógrafo – gosta.” Para ilustrar e apimentar o breve comentário, está a capa da *Playboy* de 1982 em que a atriz figura.

2 – UM BIOGRAFADO NÃO É SANTO. O subtítulo da biografia de José de Alencar reafirma o que Lira Neto escreve em seu *blog*. O autor de *Cinco minutos* tem uma história e tanto para contar. Um personagem para diabo, digo biógrafo, nenhum botar defeito. Trata-se da “mirabolante aventura de um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil”. É nessa aventura que embarco, a partir de agora, a fim de verificar sua confecção. Empréstimo o tom irônico com que Alencar costumava enfrentar e desafiar seus colegas escritores e políticos, Lira Neto constrói uma narrativa que transita entre a história e a ficção, prato cheio para os teóricos da literatura. A ficha técnica do livro ajuda nessa direção, quando aponta a diversidade de enquadramentos possíveis para o texto. O título e o subtítulo também. O tom metafórico relembra as narrativas romanescas e os

primeiros textos escritos pelos cronistas sobre o Brasil. Períodos sintáticos curtos e objetivos registram a presença do jornalista. Uma linguagem franca e provocante, sem floreios, aproxima livro e leitor, que a cada página, à medida que vai mexendo no vespeiro, como sugere a foto de Alencar, na capa da edição de 2006, leva a mão à boca, estupefato e perplexo com as estripulias do romancista. Em outros momentos, indignado, por tomar consciência, ou por lembrar, que o Brasil, recuperado nessas páginas, tem muito a ver com o de hoje.

Assim me senti muitas vezes durante a aventura. Lá pelas tantas, quando pensava que Alencar não poderia aprontar mais nada, descubro um homem contra a abolição da escravatura e a presença da mulher na vida pública. Mesmo discordando da posição, sou obrigada a reconhecer que nunca Alencar abriu a boca para falar, sem antes pensar e ter argumentos para defender sua posição. Não era ele simplesmente um polemista ranzinza. Sabia o que dizia e porque dizia. Comprava brigas e não rejeitava inimigos. Foi muitas vezes aplaudido por Liberais e Conservadores. Seus textos para teatro viraram até caso de polícia. Os romances foram, muitas vezes, amados e odiados, pelo público e pela crítica. Sua trajetória aponta amores frustrados e o medo de não ficar para a posteridade. Amargou, além disso, o estigma de filho de padre e tuberculoso. Assim como o pai, mas não com o mesmo desempenho, Alencar entrou para a política. Filhos e literatura, no entanto, era o que melhor sabia fazer. Conviveu com a literatura e com a política desde que se conhece por gente. O mesmo se pode dizer em relação à D. Pedro II, de quem sempre esteve perto, através do engajamento militante do pai. Enquanto Alencar lia romances para as senhoras que visitavam sua mãe, José Martiniano criava o clube da Maioridade, a fim de elevar ao trono D. Pedro II, que, em 1840, contava apenas catorze anos de idade. A mirabolante história do autor de *A viuvinha* corre *Pari passu* à história do Brasil. Também está atrelada à trajetória de sua família e à da literatura brasileira que ele construiu. Alencar, por meio de sua obra, dá conta de mapear o jovem país no século XIX, as letras, a(s) cultura(s) e a(s) gente(s) brasileira(s).

Resta saber agora como Lira Neto reconstituiu os episódios da vida de tão polêmico escritor.

3 – UMA BIOGRAFIA É OBRA DO DIABO. Sendo assim é de se esperar que as coisas não sigam seu curso natural, digo, linear e cor-de-rosa. Para confirmar, um prólogo com cara epílogo e vice-versa. O livro, dividido em dezessete capítulos, inicia, em 1877, com um Alencar tuberculoso. Por isso, não mais participante das rodas literárias na livraria Garnier. No entanto, um romancista consagrado, com mais de 40 livros publicados, recém retornando de uma viagem à Europa e eleito pela quarta vez para a Câmara dos Deputados. Recluso, poucos amigos o visitavam na casa em que morava, na rua da Guanabara, Rio de Janeiro, com a esposa Georgina Cochrane. Machado de Assis era um dos únicos que apareciam para vê-lo. Por influência do sogro, recorria à homeopatia como último esforço para a cura do mal que lhe acometia. O prólogo começa, além disso, com uma marca de travessão, indicando o discurso em que Alencar ataca a corrupção institucionalizada no país, a fragilidade dos partidos e a política baseada no interesse pessoal e no compadrismo. Nessa época, o Partido Conservador era situacionista no poder e o já Duque de Caxias, pela terceira vez presidente do conselho de ministros, sucedeu o barão de Rio Branco, na presidência do cargo. O Ministério da Fazenda era de responsabilidade do todo poderoso barão de Cotegipe, um dos principais críticos de Alencar. Também nesse ano, dá-se a fundação e o fechamento de *O protesto*. Nas páginas do pasquim, o último duelo: contra o Duque de Caxias. Além disso, apresenta-se nesse início a grande pergunta do autor de *O Guarani*: – Será que passarei à posteridade? A resposta, positiva, dada pelo trabalho de Lira Neto, encontra-se no epílogo.

Serão esses os fios condutores das histórias que se entrecruzarão, em ziguezague temporal, ao longo dos dezessete capítulos que compõem a narrativa. Os títulos introduzem o que se passará nas sessões. Como se dará a história, em cada uma delas, fica por conta de um resumo, feito em linguagem bem-humorada, aos moldes folhetinescos. Mimetizando a maneira como Alencar ensaiou seus primeiros passos de escritor, Lira Neto faz desses títulos uma charada para o leitor, que tenta, desde a primeira passada de olhos, saber do que se trata. A leitura do capítulo é a resposta para tanto. Como num jogo de esconde-esconde, ele mascara o objeto, a fim de instigar a busca pelo mesmo. Exemplos disso são: “Quem mexe com criança amanhece molhado – Quando o leitor fica sabendo como um menino foi coroado imperador enquanto outro ainda chorava ao devorar açucarados folhetins” e “Quem tem medo do ronco do tatu? Da arte de enfiar carapuças em cabeças coroadas, de ser elogiado pelo inimigo e de se diplomar deputado sem fazer força”.

O prólogo poderia ser descrito com um *lide* ou ainda uma *manchete* do que se passará na narrativa. Os subtítulos, internos a cada capítulo, da mesma forma. A história e suas subdivisões, por sua vez, interpolam-se e nada avança num sentido cronológico. São as ações que determinam a temporalidade. Os episódios familiares e os eventos históricos, literários e políticos não se dão de forma linear. Muitas vezes há um adiantamento dos fatos. Outras, um recuo. O efeito estético causado pelo vaivém simboliza os acontecimentos da vida do escritor. Além disso, a trajetória das coisas do Brasil, especialmente a gangorra política que sempre a influenciou. Nesse ritmo, Lira Neto acomoda 300 anos de pesquisa histórica em 431 páginas. Páginas tão bem entrelaçadas que fica difícil dizer, muitas vezes, o quê determina ou é determinado pelo quê. O público e o privado, pois, caminham juntos. Se Alencar é o “herói” da narrativa, o(s) Brasil(is) que surge(m) dessas páginas também é. E as identidades desses “sujeitos” estão numa relação de inter-dependência. Isso fica claro ao final dos capítulos. Cada um deles é um *link* para o posterior.

A história do teatro; da imprensa; da literatura, nos planos nacional: simbolizado por Gonçalves de Magalhães, Castro Alves, Machado de Assis, etc, e, por Balzac, Chateaubriand, Victor Hugo, Zola e Eça de Queirós, dentre outros, no internacional, com seus períodos e escolas, representativos do que poderia ser visto como os começos de um sistema literário; da crítica, através da fundação da Escola de Recife; da ABL; do mercado editorial; das leis, como a proibição da venda de escravos, o uso do *habeas corpus*; e das festas populares, como o carnaval, todas elas são a história de vida de Alencar e não seriam como são se não fosse a sua interferência. E nessa relação direta que a narrativa de Lira Neto se constrói. Advogado, jornalista, romancista, teatrólogo e político, atuando em todas essas frentes, Alencar, como diz seu biógrafo na capa do livro que escreveu, “acabou inventando o Brasil”. Tais espaços, permeados e fundados sempre pela palavra, escrita ou oral, serviram de lugar para o enfrentamento de temas como a figura feminina, a sociedade, as guerras, a política, a economia. Arriscava-se em diferentes gêneros. Com ou sem sucesso, dependendo de quem o lê, era o olhar que ele podia ter em sua época.

Se é verdade que Alencar inventou o Brasil, também é que Lira Neto “acabou inventando” um Alencar. Os fatos da vida do escritor documentam e atestam a veracidade impressa à narrativa. A maneira como os acontecimentos são arrançados pelo jornalista, por outro lado, fazem com que o livro adentre o terreno da ficção, sem necessariamente ser ficcional. Tais acontecimentos passados, no entanto, dependem da memória para vir a ser, ainda que seja uma memória documentada, e estão, por isso, sujeitos à “ordem” de quem reúne os episódios.

Eis aí, do meu ponto de vista, um dos mais importantes ingredientes do livro de Lira Neto, ou seja, a maneira lúdica, sem deixar de ser séria, como constrói essa mirabolante aventura. É impossível negar, pois, que a biografia publicada por ele suscita o debate em torno dos gêneros da escrita, debate esse tão caro a nossa contemporaneidade. Não é o caso de enquadrar a narrativa num único gênero, como antecipa a ficha catalográfica, mas de apontá-la como um exemplo de escrita fluida. No que se refere aos elementos característicos da história, com exceção dos fatos, está um índice remissivo ao final do texto. O gênero biográfico proposto por Lira Neto, dessa forma, passa pela narrativa e, em tal condição, resgata e mistura elementos da história e da ficção. Como o biografado, o biógrafo não é santo e nesse sentido tal polêmica já está apresentada desde a capa, quando o autor diz que se trata de uma biografia. Cabe ao leitor aceitar ou não o pacto com o diabo.

Por todos os motivos apresentados, registro a importância de valiosíssimo resgate histórico e pessoal. Verifica-se tal resgate nas seções referentes às “Notas”, preenchidas basicamente pelos títulos de jornais e divididas por capítulos, o que facilita a busca do leitor, e à “Bibliografia”, não tão extensa como a seção anterior, mas informativa no que diz respeito aos dados da crítica e da literatura utilizados. A essa última parte soma-se uma listagem com os nomes dos jornais e revistas

pesquisados. Além disso, integram o livro “Agradecimentos” e “Créditos das Ilustrações”. O responsável pela arquitetura desse jogo entre o particular e o comum, a história e a ficção, é o biógrafo Lira Neto. Dito por ele, sempre em busca de polêmicas e mirabolantes trajetórias de vida, o que ratifica a necessidade do ser humano de mergulhar na intimidade dos seus pares. Fato esse, guardadas as distâncias espaço-temporais, tão presente nos dias de hoje.

4 – EM QUE UMA LEITORA VIRA DIABO. Seguindo a linha de Lira Neto e, portanto, de Alencar nada mais oportuno do que uma polêmica. Da narrativa que começa em 1877 e recua no tempo para depois voltar novamente para onde iniciou, ficou-me uma curiosidade. Senti falta de uma exploração mais efetiva do papel das mulheres da família Alencar na vida do autor. Especialmente de D. Bárbara. Pareceu-me figura muito atuante e interessante. Além dela, não há nessa trajetória biográfica de vida figura feminina que tenha se destacado de forma diferente que não no papel de esposa, mãe e/ou personagem de romance? Talvez a resposta resulte em outra(s) aventura(s) mirabolante(s). Enquanto isso... esperemos pela história de algumas beldades.

DANIELA SILVA DA SILVA

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em
Letras da PUCRS/Bolsista do CNPq